

# V CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA E O VII ENCONTRO NACIONAL DE PALEOGRAFIA E DIPLOMÁTICA: UMA ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOÃO EURÍPEDES FRANKLIN LEAL

**Carlos Eduardo dos Reis**

Doutor em História - Professor da UFSC

reisced@gmail.com



A cidade de Salvador, na Bahia, sediou, em outubro de 2012, o V Congresso Nacional de Arquivologia. O encontro aconteceu nas dependências do Hotel Pestana, no período de 01/10/2012 a 05/10/2012. O tema do congresso – **Arquivologia e internet: conexões para o futuro**, contou com três plenárias principais.

A primeira, **Antigas disciplinas, novas possibilidades**, versou sobre as tradicionais disciplinas arquivistas como a paleografia e diplomática, e suas modernas possibilidades e transformações com a *web*. A segunda, **Gestão de documentos em ambientes conectados**, discutiu a inserção e os avanços na gestão arquivista motivados pela internet; e a terceira, **Internet e arquivologia**, versaram sobre as relações entre a internet e a arquivologia, com o objetivo de evidenciar o cenário emergente da *web 2.0*.

O V Congresso também foi palco de uma série de eventos paralelos, 17 ao todo, e entre eles o VII Encontro de Paleografia e Diplomática, coordenado pelo professor João Eurípedes Franklin Leal (CONARQ/ UNIRIO) e Marcelo Nogueira de Siqueira (Arquivo Nacional/ RJ), durante os dias 2 e 3 de outubro.

Tendo como tema central **A paleografia e diplomática atual**, o VII Encontro de Paleografia e Diplomática discutiu temas como **O ensino de paleografia nos cursos universitários, abreviaturas de documentos luso-brasileiros**, com a

participação de Maria Helena Ochi Flexor, que presenteou o público presente com a história da constituição dessa importante obra de referência nos estudos paleográficos brasileiros, **A câmara técnica de paleografia e diplomática do CONARQ: histórico, propostas e ações**, e a constituição de uma mesa para avaliar e discutir as atuais normas brasileiras de transcrição paleográfica, além da surpresa do evento com a **paleografia musical**, que encantou a todos os presentes.

O nosso entrevistado, professor João Eurípedes Franklin Leal, é docente na Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO, historiador, atua no curso de arquivologia e coordena o Núcleo de Paleografia e Diplomática da referida universidade, é membro do CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos, preside a recém-fundada Câmara de Paleografia e Diplomática do CONARQ; atua ainda como professor visitante em várias universidades europeias – Espanha e Itália – autor de inúmeras obras de referência no campo da paleografia, além de auxiliar na formação de paleógrafos nos arquivos e instituições de pesquisa em todo país. Nessa entrevista o professor nos fala da organização do VII Encontro de Paleografia e Diplomática, além de fazer um balanço da disciplina nos cursos de graduação em história e arquivologia.

Em meio aos eventos paralelos, fui recebido pelo professor João Eurípedes Franklin Leal para uma entrevista no saguão do hotel onde o evento acontecia.

*Em primeiro lugar, agradeço ao professor Franklin pela gentileza de nos receber para esta entrevista.*

*Professor Franklin, estamos aqui no 4º dia desse encontro, qual é a sua avaliação inicial sobre o V Congresso? E qual a sua avaliação sobre o 7º Encontro de Paleografia e Diplomática realizado nesses dois últimos dias?*

P. F. – O V Congresso Nacional de Arquivologia, conseguiu superar todos os anteriores, que foram sempre de ótima qualidade, mas este, com teve o apoio do CNPq, facilitou e muito a sua realização, trouxe uma qualidade estupenda dos propósitos

principais. A questão da arquivologia juntamente com a diplomática e a paleografia, e os encontros paralelos, todos eles de sucesso. E eu creio também que o VII Encontro de Paleografia e Diplomática foi de altíssimo nível e de grande proveito. Eu saio feliz disso, não porque fui o coordenador deste encontro, mas foi realmente proveitoso e bom.

*A partir daí, seria possível traçar um quadro de como se encontra a paleografia hoje, no Brasil, suas dificuldades e perspectivas?*

P. F. – Eu diria que a paleografia não está em uma situação ideal, mas ela está em uma situação superior de 10 a 20 anos atrás. Eu acompanho isso desde os anos 70 e 80, e, com certeza, a conscientização da necessidade da paleografia, não só para os cursos de história, mas também, e especialmente, para os cursos de letras, além dos cursos de museologia, biblioteconomia, documentação e filologia. A paleografia foi redescoberta, e tem regiões do Brasil que o estágio de desenvolvimento dessa redescoberta da importância da paleografia é mais intensa, e tem lugares aonde ela está ainda engatinhando.

O grande problema é a falta de professores universitários devidamente formados ou possuidores de um conhecimento integral de paleografia para ministrar cursos. Eu acredito que esta situação é transitória, é passageira, porque a maioria dos professores que labutam com a paleografia está cada vez mais procurando, até mesmo de forma autodidata, desenvolver o conhecimento, a prática e o ensino da paleografia.

No Brasil, com a redescoberta da importância que a cada vez mais se vê nos arquivos estaduais, municipais e eclesiásticos e também com o desenvolvimento dos cursos de arquivologia, inclusive no nosso curso na UNIRIO, no Rio de Janeiro, que foi o primeiro no Brasil, e é tido como de muito boa qualidade, inclusive agora nós implantamos o primeiro mestrado de arquivologia em língua portuguesa. Esse é o primeiro em língua portuguesa no mundo. A gente vê uma situação crescente de estudos de arquivologia, e esta necessita da paleografia. Eu vejo

um trabalho formidável aqui na Bahia, a arquivologia aqui é recente e ainda não se chegou a um estágio maior, mas em muitos outros estados, como Pernambuco, a situação é boa, em Brasília é boa. O bom, que eu digo, é porque ela está numa crescente melhoria e interesse dos alunos que estão descobrindo isso.

O Projeto Resgate, feito na altura do ano 2000, tem estimulado muito e mostrado a necessidade dos estudos paleográficos. A história brasileira, especificamente a colonial, tem muitas falhas, muitos espaços em branco, ela tem muito a ser preenchida, reestudada, e só com a leitura de documentos.

Nós não somos veneradores de documentos manuscritos, mas sem eles fica difícil compor a história. Eu acho que a tendência é de melhoria constante; existe, no Rio de Janeiro, o Núcleo de Paleografia e Diplomática na UNIRIO, que presta serviços, promove cursos, organiza a didática da paleografia e da diplomática, e agora estamos acabando de elaborar uma relação bibliográfica bem vasta de paleografia e de diplomática. Isso há 10 anos atrás não existia, conseguimos que o Conselho Nacional de Arquivos, o CONARQ, criasse uma câmara técnica de paleografia e diplomática, que inclusive, aqui neste congresso, foi essa câmara (do CONARQ) que guiou o VII Encontro de Paleografia e Diplomática. Eu vejo, sou muito otimista com isso, vejo um bom caminho.

Agora, ser paleógrafo, além dos estudos, tem que ter a prática, mas a prática sem a teoria é fraca e a teoria sem a prática de pouco vale. Nós temos que conjugar as duas coisas. Temos as normas brasileiras – de transcrição paleográfica – e estamos sempre tentando dar um melhor procedimento a elas. Essas práticas brasileiras estão sendo copiadas pelo MERCOSUL inteiro, e estamos tentando implantar no Rio de Janeiro o primeiro curso de pós-graduação *lato sensu* de especialização em paleografia. Esse curso, do jeito que está formulado, será um convênio entre a INIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e o IHGB – Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e esperamos que isso se concretize e dê um resultado positivo para os ensinos de estudos paleográficos.

*Eu queria fazer uma observação nessa mesma linha de raciocínio do senhor. Notei ontem, em nossas discussões, essa questão, e queria saber sua opinião. Há cerca de duas décadas, com a primazia de uma história cultural nos cursos de graduação, tirou aquilo que de mais importante há para a paleografia, como a datação, a cronologia, que constitui a matéria prima dos estudos paleográficos; e até aquela famosa crítica ao positivismo, aos documentos, eliminando a possibilidade da crítica documental. Como o senhor vê isso influenciando na formação do paleógrafo dentro dos cursos e universidade, uma vez que existe um movimento paralelo em que os alunos gostam da disciplina e exigem que ela permaneça no currículo?*

P. F. – Eu vejo isso. Quando vejo a disputa entre os burocratas que querem eliminar certos estudos ligados à documentação, e os alunos que são os reais interessados e realmente são quem pode dar a opinião, muito mais que os professores, porque eles vivem o problema. Eu vejo uma busca, um apoio e quase uma satisfação com os estudos paleográficos. O interessante é que uma pólis qualquer de paleografia que aqui na América Latina não tem, só tem na Europa, e que um dia teremos aqui, o seu currículo é abrange tanto na teoria, e ao lado da teoria paleográfica nós temos uma carga elevada da parte prática, e ao lado disso os cursos de pós-graduação em paleografia seguindo os sistemas internacionais abrange ainda disciplinas como a diplomática, a filologia, o latim, a cronologia, a antropônimo. Esses cursos suprem o essencial da formação.

O restante o paleógrafo vai buscar nos cursos de história, letras ou na arquivologia aquela retirada de áreas tão importantes para uma visão mais holística do conhecimento. Hoje, boa parte dos nossos trabalhos de paleografia no Núcleo de Paleografia é para atender o Poder Judiciário, a leitura de processos que vão decidir, quase em forma de vida ou morte, direitos e obrigações dentro do Poder Judiciário. A paleografia tem uma responsabilidade enorme, isso não só para ajudar, ela não é uma

ciência auxiliar, pura e simples da história, ela tem vida própria, ela abrange um universo muito maior de atuação do que normalmente se pensa. Essa visão diminuta da paleografia é própria de quem nunca estudou paleografia.

Temos um acervo imenso neste país, e mesmo com 200 anos fazendo paleografia, nós não conseguiremos ler, transcrever e interpretar, que são as três etapas do trabalho paleográfico, a documentação que está aí. A brasileira desde o século XV e XVI, até mesmo documentos do século XX. Engana-se quem pensa que a informática matou tudo, é bobagem, as tecnologias, mesmo as novas, tidas às vezes como mágicas, elas passam, mas a paleografia vai ficar.

*No tocante a isso, uma questão que penso não ter muito fundamento, é a discussão que está sendo realizada no âmbito do congresso, de que os cursos de arquivologia resistem em colocar a paleografia e a diplomática como disciplinas obrigatórias, e não se pode pensar em um arquivista sem esta formação. O que o senhor pensa sobre isto?*

P. F. – É o argumento normal dessas escolas de arquivologia, e até mesmo de história, de colocar a paleografia como uma disciplina facultativa e não obrigatória. Eles reagem dizendo que depois não terão professores para ministrá-la. É uma visão que tem certo grau de verdade, mas por outro lado tem certo grau de miopia, está enxergando mal a distância.

A distância nós vamos ter cada vez mais, a necessidade de pessoas formadas com um mínimo de conhecimento de paleografia, um arquivista sem paleografia como é? E se ele for para um arquivo no centro histórico, um arquivo público, seja federal, estadual ou municipal, ou mesmo arquivos privados ligados à igreja, a empresas do passado, aos cartórios, como é que fica isso?

Quem viver verá que a arquivologia vai sentir sua falta. A verdade é a seguinte: esses núcleos que resistem à paleografia estão cada vez mais sendo vencidos pela verdade, e isso vai a

certo momento atingir todas as regiões do Brasil, com certeza.

*E por falar em atingir todas as regiões do país, professor Franklin, o tema predominante nesse V Congresso é a tecnologia. Paleografia e tecnologia. O tema de sua intervenção nesse evento. O senhor tem uma visão muito interessante sobre a forma que a tecnologia, ou estas novas tecnologias, atuam dentro da paleografia. O senhor poderia nos falar mais um pouco sobre essa perspectiva, uma vez que se verifica certo endeusamento da técnica sobre esse trabalho muito humano que é ler?*

P. F. – Sim, é o seguinte: eu procurei, na minha fala, transmitir em suma, foi uma fala longa, mas vamos aqui rapidamente mostrar que a paleografia, apesar de parecer ser uma disciplina técnica, ou melhor falando, uma ciência que cuida de coisas ultrapassadas, que não é verdade, e o bom senso mostra que não é isso. A paleografia desde sempre vem acompanhando a evolução das tecnologias do passado, que eram simples, quase simplórias.

Ela veio acompanhando e admitindo a mudança do suporte, dos instrumentos para escrever, se adaptando às novas tintas, só quem não conhece o assunto para dizer que parece que ela ficou deslocada de todo o desenvolvimento. Tanto que ela acompanhou, que com o aparecimento da fotografia ela passou a usar a fotografia; a microfilmagem, os nossos já superados usos de fax, que já foi uma grande tecnologia, e com a chegada da informática, da *web* e tudo mais, ela está usando a informática, o computador, explorando isso ao máximo, nos comunicando, transmitindo documentos etc.

O que acontece, por outra parte, é que a tecnologia que tanto endeusamos, esta área da *web*, da informática, é ela que não está dando certos suportes à paleografia; não é a paleografia que não liga para ela, é ela que não tem respondido às necessidades paleográficas. Por exemplo: ter um programa que possa ler, por intermédio de computador, manuscritos antigos. Nós já tivemos experiências, uma na Espanha, do qual eu pessoalmente participei, e outra muito conhecida na França. Ficou patente que a

culpa de tudo isso não ter acontecido até hoje não é da paleografia, é da tecnologia que ainda não foi aperfeiçoada.

Nesse sentido, quantas vezes vamos digitar uma transcrição paleográfica, o computador faz o favor de corrigir o que escrevemos, modernizando, fugindo das normas paleográficas, a gente briga com ele, então, algo tem que ser feito e com certeza isso vai acontecer. Agora, o que eu disse, repito e repetirei sempre: a gente costuma endeusar a tecnologia do momento, lógico, que quem não acompanha a tecnologia morre; acontece que quem endeusa a tecnologia, verá que essa tecnologia de hoje vai ser velha e ultrapassada, daqui a pouquinho, 10, 15 anos, no máximo, teremos outra. Então essas tecnologias se transformam em velhas tecnologias obsoletas. A paleografia vai continuar como uma ciência indispensável às ciências humanas, à história, ao direito, às letras e tudo mais.

*Professor Franklin, uma última questão: em que medida a criação da Câmara Técnica de Paleografia e Diplomática vai ajudar no crescimento e afirmação da paleografia?*

P. F. – É o CONARQ, que é o Conselho Nacional de Arquivos, um órgão ligado ao Arquivo Nacional e pertence ao Ministério da Justiça. Ele é usado para o assessoramento ao Ministro da Justiça e ao Arquivo Nacional, nas medidas pertinentes à documentação de arquivo. O CONARQ é composto de várias câmaras técnicas, e a última a ser criada, a menos de um ano, é a recentíssima Câmara Técnica de Paleografia e Diplomática.

A paleografia e a diplomática são distintas apesar de tratarem os documentos de maneira completamente diversa, enquanto a paleografia lê, transcreve e interpreta o documento, a diplomática estuda o documento, a gênese, a origem, a tipologia documental e verifica se o documento é autêntico, falso ou falsificado, essencial para uma sociedade atual que muitas vezes adultera documentos. A gente acredita, num cálculo semiformal, que, de 20 a 25% da documentação brasileira ou é falsa ou é falsificada, mesmo as que estão no Arquivo Nacional.

Essa Câmara Técnica é composta por indicações variadas de pessoas que se reúnem, temos todo um programa de prestigiar, pesquisar, ajudar a pesquisa, desenvolver o ensino, democratizar o conhecimento paleográfico e diplomático e estamos fazendo isso partindo praticamente do zero.

São pessoas ilustres, conhecidíssimas, autores de inúmeros livros de arquivologia, paleografia e diplomática que fazem parte dessa câmara, que é bastante unida, felizmente. Temos um trabalho que a gente projeta, de seis meses, e ao final fazemos a avaliação. Por exemplo: o estabelecimento de uma bibliografia, tanto de paleografia quanto de diplomática, é raro ou difícil a busca do estabelecimento de uma didática de como ensinar paleografia ou diplomática nos cursos universitários. As normas de transcrever que são ali usadas, as possuímos desde 1993, e que hoje são usadas pelos países do MERCOSUL, mas que precisamos revê-las e atualizá-las, se for necessário, ou mantê-las como estão. Atendemos também aos pedidos de escolas, universidades para palestras, para cursos eventuais de 8, 30 e 40 horas. Isso tem sido feito em vários estados brasileiros.

Este ano (2012), foram feitos vários desses cursos, e estamos pensando em constituir, dentro da câmara, um grupo de professores que formarão um curso, não chamaria bem de ambulante, mas um curso que poderia ser sempre aplicado em qualquer estado, região brasileira, e com isso a gente conseguiria desenvolver um conhecimento da paleografia e diplomática de forma mais concreta, mais acadêmica e, no final, seremos felizes para sempre!

*Professor Franklin, obrigado pela oportunidade desta conversa, sua gentileza e presteza.*

Originais recebidos em: 06/03/2013

Aceito para publicação em: 13/05/2013

Publicado em: 28/06/2013